

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



# **BOLETIM DE CONJUNTURA**

**BOCA**

Ano IV | Volume 12 | Nº 35 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.7317837>



## “O QUE SERÁ, QUE SERÁ?”

### PRECARIZAÇÃO, UBERIZAÇÃO E O FUTURO DO TRABALHO

Matheus Felipe Gomes Dias<sup>1</sup>

#### Resumo

O presente trabalho teve por objetivo discutir as condições de trabalho dos motoristas de aplicativo, dando ênfase ao trabalhador uberizado, suas características, condições e perspectivas sobre o futuro do trabalho. Ao mesmo tempo, buscou-se estabelecer um diálogo com os estudos do trabalho, concatenando os conceitos de precarização e o uberização, irrompendo para uma contribuição para os debates acerca do futuro do trabalho. Metodologicamente, recorreu-se a pesquisa bibliográfica, sendo entendida como aquela que tem como fonte principal materiais publicados (livros, revistas, artigos, entre outros) e o estudo de caso, destinado a investigar determinados fenômenos em um grupo social específico. Foi possível concluir que a pandemia corroborou para uma maior intensificação do trabalho e recrudescer suas condições, pois exigiu um aumento significativo das jornadas de trabalho e uma exposição deliberada ao vírus. O efeito disso é uma crescente insatisfação por parte destes trabalhadores, que constantemente buscavam formas de sair dessa relação ou se organizarem de maneira coletiva para lutar por mais direitos.

**Palavras claves:** COVID-19. Precarização do Trabalho. Uberização.

#### Abstract

This paper aimed to discuss the working conditions of app drivers, emphasizing the uber worker, its characteristics, conditions and perspectives on the future of work. At the same time, it sought to establish a dialogue with labor studies, connecting the concepts of precarization and uberization, bursting into a contribution to the debates about the future of work. Methodologically, we resorted to bibliographic research, understood as that which has as its main source published materials (books, magazines, articles, among others) and the case study, intended to investigate certain phenomena in a specific social group. It was possible to conclude that the pandemic has corroborated to a greater intensification of work and intensified its conditions, since it demanded a significant increase in work hours and a deliberate exposure to the virus. The effect of this is a growing dissatisfaction on the part of these workers, who constantly sought ways out of this relationship or organize themselves in a collective way to fight for more rights.

**Keywords:** COVID-19. Precarization of Work. Uberization.

*O que não tem certeza, nem nunca terá/  
O que não tem conserto, nem nunca terá/  
O que não tem tamanho  
(Chico Buarque – À flor da Terra).*

## INTRODUÇÃO

As intensas transformações no mundo do trabalho que se tem acompanhado nos últimos anos parece conduzir a um debate e o estabelecimento de mais questões do que respostas. Sabendo que o Brasil não está no Brasil, mas no mundo, é imprescindível não considerar que essas transformações estão diretamente associadas a um contexto de reestruturação capitalista à nível mundial.

A teoria dos ciclos econômicos de Nikolai Kondratiev – utilizada hoje com maior ênfase na história econômica do que na economia –, propõe que para a manutenção do capitalismo, as crises

<sup>1</sup> Bacharelado do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail para contato: [matheusdias543@gmail.com](mailto:matheusdias543@gmail.com)



econômicas servem como um elemento de tensão e que irrompe à um processo de reestruturação e de inovações no âmbito das relações de produção.

Secco e Ferreira (2016), ao escreverem “Ciclos Econômicos e Conflitos Sociais”, buscaram refletir acerca de um processo que culmina nas jornadas de luta em 2013 e que corroboraram para uma reorganização das relações de trabalho nos anos seguintes. É nesse sentido que Abílio (2017) escreve o “Uberização do trabalho: subsunção real da viração” e busca apontar que a uberização é o desenvolvimento e/ou aprimoramento de relações de trabalho cada vez mais precárias.

Ao mesmo tempo, Slee (2017) escreve “Uberização: a nova onda do trabalho precarizado” e aponta como as maiores empresas ligadas à “economia de compartilhamento” se transformaram em intensos instrumentos de exploração, atingindo não apenas as relações de trabalho, mas criando também tensões nos estados democráticos.

No contexto brasileiro, observa-se que a introdução de empresas de caronas pagas como, por exemplo, a Uber, a 99pop, entre outros, representou não apenas uma intensa transformação na economia brasileira, mas corrobora também para o surgimento de legislações que não apenas pacificavam essas relações trabalho como também abria espaço para o crescimento do trabalho mediado pela tecnologia. Esse processo, conforme pretende-se expor, corroborou para uma maior precarização das relações de trabalho.

Desse modo, a pandemia da Doença do Coronavírus - COVID-19 (MARANHÃO; SENHORAS, 2020), causada pelo novo coronavírus, SARS-CoV-2 (SENHORAS, 2021), criou um contexto para o trabalho uberizado, sendo este um grupo demasiadamente afetado. Seja pela oferta de trabalho – como é o caso dos motoristas de aplicativo – ou pela intensificação e recrudescimento das condições de trabalho – como é o caso dos entregadores por aplicativo (SILVESTRE; NETO; AMARAL, 2021).

Com base nisso, o presente trabalho tem por objetivo discutir as condições de trabalho dos motoristas de aplicativo, dando ênfase ao trabalhador uberizado, suas características, condições e perspectivas sobre o futuro do trabalho. Ao mesmo tempo, busca-se estabelecer um diálogo com os estudos do trabalho, concatenando os conceitos de precarização e o uberização, irrompendo para uma contribuição para os debates acerca do futuro do trabalho.

Do ponto de vista metodológico, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, sendo entendida como aquela que tem como fonte principal materiais publicados (livros, revistas, artigos, entre outros) e o estudo de caso, destinado a investigar determinados fenômenos em um grupo social específico (GIL, 2017). Desse modo, a primeira parte do trabalho dedica-se a discutir aspectos teóricos dessas novas relações de trabalho. Posteriormente, discute-se os dados adquiridos após entrevista com um motorista Uber. Por fim, encontra-se as conclusões obtidas ao final da pesquisa.



## O “QUE SERÁ” – PRECARIZAÇÃO E UBERIZAÇÃO DO TRABALHO

O que será que será/  
Que vive nas ideias desses amantes/  
Que cantam os poetas mais delirantes/  
Que juram os profetas embriagados/  
Que está na romaria dos mutilados/  
Que está na fantasia dos infelizes/  
Que está no dia-a-dia das meretrizes  
(Chico Buarque – À flor da Terra).

O sociólogo Ricardo Antunes, ao escrever em 2009, o livro *Os sentidos do trabalho*, buscou dedicar um capítulo para refletir sobre as causas que levaram ao surgimento do Toyotismo enquanto modo de organização da produção. Antunes (2009) observou que a crise do petróleo, atrelado ao acúmulo de forças do mercado financeiro, exigiram uma reestruturação capitalista, de modo que pudesse ser preservada a taxa geral de lucros.

Conforme assinalou Antunes (2009, p. 57):

A racionalização do processo produtivo, dotada de forte disciplinamento da força de trabalho e impulsionada pela necessidade de implantar formas de capital e de trabalho intensivo, caracterizou a via toyotista de desenvolvimento do capitalismo monopolista no Japão e seu processo de liofilização organizacional e do trabalho. O trabalho em equipe, a transferência das responsabilidades de elaboração e controle da qualidade da produção, anteriormente realizadas pela gerência científica e agora interiorizadas na própria ação dos trabalhadores, deu origem ao *management by stress*.

O surgimento do Toyotismo transformou significativamente o modo de produção capitalista. Nesse contexto, além do desenvolvimento de relações de trabalho cada vez mais permeadas pela tecnologia, observa-se que o modelo de gestão do trabalho foi se alterando significativamente. É nesse período que surgem na Administração e na Economia, movimentos atrelados a um maior disciplinamento do trabalho, que se apresenta diferente de outros modos de gestão do trabalho, como o Taylorismo e o Fordismo. À vista disso, ocorre ainda na década de 70 os primeiros estudos sobre motivação e clima organizacional, enquanto elementos de satisfação no trabalho e aumento da produção.

No entanto, esse processo foi diretamente responsável pelo surgimento de uma perspectiva da meritocracia nas relações de trabalho criando, ao mesmo tempo, um distanciamento progressivo entre o trabalhador e suas organizações. Antunes (2009) e Bernardo (2009), discutem que um dos efeitos do Toyotismo foi a dissolução das coletividades e o estabelecimento de um contexto de intensa individualização.

Com base nisso, o desenvolvimento da indústria de tecnologia, sobretudo nos Estados Unidos, criou paradigmas para a vida social. É neste momento em que a internet e as tecnologias aparecem como



forma de melhorar a vida humana, de possibilitar maior conectividade e integração. Slee (2017), discute que o movimento não tinha um objetivo propriamente capitalista, pelo contrário, buscava o desenvolvimento de soluções que tornassem a vida dos indivíduos mais fáceis como, por exemplo, as caronas de curta distância, o fornecimento de serviços de manutenção doméstica, entre outros.

Essa dinâmica se altera, sobretudo, na medida em que organizações passam a utilizar da economia de compartilhamento, como forma de obter lucros. Embora a Uber seja a maior empresa oriunda do movimento de economia compartilhamento, ela não foi a primeira empresa a utilizar desses mecanismos como forma de lucro. No entanto, conforme destacou Slee (2017), é com a Uber que o cenário da economia de compartilhamento altera-se e surgem relações de trabalho baseadas no modelo criado pela gigante das viagens pagas.

Não há consenso ou unanimidade em relação ao conceito de Uberização, nem tampouco os limites e alcance dessa relação. De acordo com Abílio (2017), pode-se compreender que a Uberização:

[...] refere-se a um novo estágio da exploração do trabalho, que traz mudanças qualitativas ao estatuto do trabalhador, à configuração das empresas, assim como às formas de controle, gerenciamento e expropriação do trabalho. Trata-se de um novo passo nas terceirizações, que, entretanto, ao mesmo tempo que se complementa também pode concorrer com o modelo anterior das redes de subcontratações compostas pelos mais diversos tipos de empresas. A Uberização consolida a passagem do estatuto de trabalhador para o de um nanoempresário-de-si permanentemente disponível ao trabalho; retira-lhe garantias mínimas ao mesmo tempo que mantém sua subordinação; ainda, se apropria, de modo administrado e produtivo, de uma perda de formas publicamente estabelecidas e reguladas do trabalho. Entretanto, essa apropriação e subordinação podem operar sob novas lógicas. Podemos entender a uberização como um futuro possível para empresas em geral, que se tornam responsáveis por prover a infraestrutura para que seus “parceiros” executem seu trabalho; não é difícil imaginar que hospitais, universidades, empresas dos mais diversos ramos adotem esse modelo, utilizando-se do trabalho de seus “colaboradores *just-in-time*” de acordo com sua necessidade

Nesse sentido, a uberização extrapola os limites da economia de compartilhamento, criando dinâmicas e formas de intervenção na vida social. As principais distinções entre o movimento da economia de compartilhamento e o que se chama atualmente de uberização, diz respeito à uma visão estritamente capitalista dessas empresas, que além de estabelecer dinâmicas de exploração da mais-valia – sobretudo no contexto de uma intensificação e transformação do Toyotismo -, a perda da característica de solidariedade e mutualismo da economia de compartilhamento e o surgimento de relações de trabalho precárias e a ausência de formas de seguridade jurídica.

Com base nisso, é possível destacar que esse movimento tem dado a tônica das relações de trabalho na contemporaneidade, principalmente, porque este modelo de negócio apresenta às empresas a possibilidade de desenvolverem formas de exploração mais baratas da força de trabalho, pois este



modelo não comporta uma formalização e a gestão do trabalho é realizada de maneira distante do que ocorria, por exemplo, no taylorismo-fordismo.

A emergência da pandemia e as dinâmicas que esta promoveu e/ou intensificou criaram um paradigma demasiadamente coerente, isto é, qual o futuro do trabalho a partir da difusão e intensificação do trabalho mediado por aplicativos? A pandemia nos apresentou diversos novos processos.

## QUE TODOS OS AVISOS NÃO VÃO EVITAR – PANDEMIA, UBERIZAÇÃO E O FUTURO DO TRABALHO

*O que será que será/  
Que todos os avisos não vão evitar/  
Porque todos os risos vão desafiar/  
Porque todos os sinos irão repicar  
(Chico Buarque – À flor da Terra).*

A pandemia intensificou o processo de uberização. Esta perspectiva está atrelada ao fato de que as medidas para a contenção do vírus exigiram uma abrupta interrupção das atividades presenciais e a aglomeração de pessoas em bares, restaurantes e em outros locais. A vida social foi largamente afetada, ao passo que possibilitou a emergência e a intensificação de relações de trabalho que já existiam, mas que sua face radicalizada ainda estava amortizada por outras dinâmicas de socialização – como é o caso do transporte coletivo, trens, metrô, entre outros.

Conforme destacou Abílio (2020, p. 580):

A uberização, como novo tipo de controle, se exerce por meio de novos processos de informalização que não se restringem à formação dos gigantes exércitos de trabalhadores informais — subordinados então a algumas poucas empresas que conseguem oligopolizar seus setores de atuação. O controle e o gerenciamento do trabalho também se relacionam a um processo de informalização cuja compreensão ultrapassa o referencial do par trabalho formal/informal: a identidade profissional se desloca do trabalhador para o trabalhador amador, e há uma crescente perda de formas estáveis, reguladas ou contratualizadas das regras de definição da remuneração, da distribuição do trabalho, da duração da jornada e do que é ou não tempo de trabalho.

Nesse contexto, a emergência da uberização possibilitou uma transformação significativa nas relações de trabalho, introduzindo processos e intensificando outros de modo que as dinâmicas de trabalho pudessem ser operadas de maneira rígida, por um lado, e desregulada por outro. É neste fato que se encontra a entrevista realizada com um motorista da empresa de caronas pagas, Uber.

O trabalhador entrevistado possui 26 anos, é morador da cidade de Goiânia, realizou sua graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Goiás (interrompida em 2020) e trabalha na Uber há 3 anos. Embora este trabalhador afirme que “não seja um retrato perfeito do motorista da



Uber”, a entrevista permite evidenciar aspectos que estão diretamente relacionados com a literatura e, ao mesmo tempo, introduz paradigmas que ainda não foram verificados.

Sobre este ponto de vista, o primeiro emprego do trabalhador entrevistado está centrado nas dinâmicas do trabalho mediado pela tecnologia. Nesse sentido, antes de trabalhar como motorista, o profissional foi atendente de telemarketing em uma grande empresa de telecomunicações. A sua saída, por sua vez, se deu pelo ingresso na universidade e um desequilíbrio entre as atividades de trabalho e as atividades acadêmicas.

De maneira despreziosa, o trabalhador se cadastrou na Uber, pois desse modo poderia “ganhar uma renda extra” sem atrapalhar suas atividades acadêmicas. Após mais de três anos, este trabalhador abandonou a universidade, devido a impossibilidade de conciliar ambas as atividades. O trabalhador relatou, a respeito de sua jornada de trabalho, que realiza 56 horas semanais, sendo possível aumentar ou diminuir dependendo das circunstâncias.

Por efeito disso, ao observar a juventude inserida na uberização, Abílio (2020, p. 587) considera que:

Jovens desempregados, jovens em empregos de alta rotatividade, baixa remuneração e informais passam então a acessar um novo meio de geração de ocupação e renda, para o qual é necessário simplesmente aderir, ter um cadastro aprovado, fazer um investimento econômico mínimo e criar estratégias próprias de manutenção na atividade.

O trabalhador entrevistado, diz com bastante frequência que o ingresso na Uber não se deu apenas como uma ausência de outras formas de trabalho, mas que foi uma alternativa ao desemprego, onde poderia garantir renda enquanto realiza seus estudos universitários. Ao cabo, essa forma de trabalho corroborou para sua saída da universidade, pois a remuneração não era suficiente para pagar as contas, alimentar-se, comprar textos, livros e reproduzir o trabalho (que envolvem gastos com gasolina, limpeza e manutenção do carro).

Dessa forma, é possível também verificar uma recusa a este modelo de trabalho, pois o profissional afirma que esta modalidade não está mais em sua primazia, que perdeu a vontade e o prazer em dirigir. Com base nisso, o trabalhador destacou, por exemplo, que prefere realizar atividades de *freelancer* do que aceitar corridas. Esse processo evidencia, à sua maneira, aspectos que transformam o trabalho uberizado e uma intensa dinâmica de precarização.

Além disso, é preciso considerar que o trabalhador discute que a gestão do trabalho, isto é, o sistema de avaliação do trabalho sendo realizado pelo usuário é bastante destrutivo, pois cada passageiro possui suas especificidades e particularidades, o que pode impactar na avaliação que o trabalhador faz



para conduzir o atendimento. Com isso, pode-se destacar que essa transposição ou transferência da gestão do trabalho é um aspecto tipicamente do modelo toyotista.

Essa relação é observada em Antunes (2009), em seu “Os sentidos do trabalho - Ensaio sobre a Afirmção e a Negação do Trabalho”, em João Bernardo em seu livro “Economia dos Conflitos Sociais”, em Braga (2012), com “A política do precarizado: do populismo à hegemonia lulista” e novamente em Antunes (2020), em “Coronavírus – Trabalho sob fogo cruzado”. Está vasta e heterogênea literatura demonstra não apenas como o Toyotismo introduziu novos modos de gestão e regulação do trabalho, mas como incorporou a tecnologia e transferiu esse processo aos usuários.

Por efeito disso, seria redundante explicar novamente como funciona este modelo, mas é necessário frisar os impactos desse processo. Em primeiro lugar, pode-se considerar que o modelo de avaliação de empresas como a Uber é baseado no usuário, que dirá se este ou aquele motorista atendeu suas expectativas e as da empresa. Em segundo lugar, este modelo determina, a partir de algoritmos complexos, que o trabalhador receberá mais ou menos corridas.

Concomitantemente, outro aspecto levantado pelo entrevistado diz respeito aos impactos desse trabalho no contexto da pandemia da COVID-19. Desse modo, no primeiro momento, o trabalhador relata que a categoria dos motoristas de aplicativo foi largamente afetada, principalmente pela redução do deslocamento e uma drástica diminuição da demanda de trabalho.

Conforme constatou Antunes (2020), as medidas em *lockdown* impactaram significativamente trabalhadores informais, uberizados, intermitentes, subutilizados, terceirizados e desempregados. As restrições colocadas na vida social estabeleceram novas dinâmicas de trabalho, seja pelo ponto de vista da intensificação, ou da exposição ao vírus, ou até mesmo o desemprego generalizado.

Do ponto de vista dos motoristas de aplicativo, o primeiro momento representou uma diminuição da oferta de trabalho, o que corroborou para um aumento da jornada de trabalho. Desse modo, se antes da pandemia, por exemplo, um trabalhador realizava  $X$  horas de trabalho para alcançar a  $Y$  de remuneração, com este primeiro momento da pandemia, para alcançar o valor base de remuneração esses trabalhadores teriam que aumentar – e em alguns casos dobrar – a jornada de trabalho.

O entrevistado relata, por exemplo, o caso de motoristas que alugavam carros, onde este momento representou um aumento significativo na jornada de trabalho, e em outros casos nem com este aumento foi possível cumprir as metas para a reprodução do trabalho. Em um outro momento da pandemia, isto é, quando ocorreu uma flexibilização maior, as corridas voltaram a acontecer, mas um novo problema surgiu. O medo da exposição ao vírus levou a uma diminuição da jornada de trabalho ou a uma interrupção do trabalho por parte destes motoristas.



Posto isto, as dificuldades colocadas no trabalho por aplicativos no contexto da pandemia levaram o trabalhador entrevistado a procurar trabalho formal. Neste momento, ao encontrar uma oferta de trabalho de motorista para um hospital, este trabalhador relatou que colocou na seção de experiência profissional o trabalho por aplicativo. Desse modo, foi recusado para a vaga, pois esta modalidade de trabalho não foi considerada como experiência profissional.

A questão que coloco, e que infelizmente não posso desenvolver uma resposta adequada, trata-se do fato de que parte significativa dos trabalhadores por aplicativos são jovens, que possuem este modelo de trabalho como forma de ingresso no mercado de trabalho (ABÍLIO, 2020). No entanto, ao procurarem alternativas para a saída dessa relação para o mercado formal, a experiência no trabalho por aplicativos não é computada. Logo, não havendo forma de comprovação de relação de trabalho formal – como é o caso do trabalho por aplicativos – estes indivíduos não conseguem se desvincular do trabalho por aplicativos.

Consequentemente, ao colocar a última questão para o trabalhador entrevistado, ou seja, as impressões destes a respeito do futuro do trabalho, percebe-se elementos demasiadamente importantes. Na visão do entrevistado, a pandemia impactou sobremaneira a vida social, colocando a tecnologia no centro das relações de trabalho. Por causa disso, os aplicativos, a internet, o home office deram a tônica para novas modalidades de trabalho ou velhas formas introduzidas nas plataformas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O que não tem governo, nem nunca terá/  
O que não tem vergonha nem nunca terá/  
O que não tem juízo  
(Chico Buarque – À flor da Terra).*

Ao longo do ensaio, foi possível destacar diversos processos que entregam este novo cenário das relações de trabalho, isto é, o trabalho uberizado e sua intensificação a partir da pandemia da COVID-19. A respeito dos aspectos teóricos e empíricos dos estudos do trabalho, observou-se como os ciclos de desenvolvimento e crise capitalista deram origem a novos modos de organização de trabalho, de modo que pudessem ser desenvolvidas formas de manutenção desse modo de produção.

Nesse contexto, o trabalho por aplicativos apropria-se da economia de compartilhamento, retirando-se desta a solidariedade e o mutualismo, criando formas de lucro e exploração da força de trabalho. Por se tratar de uma dinâmica de trabalho nova, a uberização está ausente de uma regulação estatal, tampouco uma regulação trabalhista. Desse modo, a uberização tem representado uma



possibilidade de ingresso no mercado de trabalho por parte da juventude, onde não é necessária a experiência profissional.

Porém, este modelo possui dinâmicas de organização que dificultam a saída destes trabalhadores e essas plataformas acabam por exercer um poder demasiadamente autoritário em relação a estes profissionais. Não havendo possibilidade de mediação externa, tampouco uma formalização do trabalho, estes indivíduos acabam se submetendo a esta relação de trabalho para que consigam sobreviver.

A entrevista demonstrou que a pandemia intensificou o trabalho e recrudescer suas condições, pois exigiu um aumento significativo da jornada de trabalho, uma exposição deliberada ao vírus. O efeito disso é uma crescente insatisfação por parte destes trabalhadores, que constantemente buscavam formas de sair dessa relação ou se organizarem de maneira coletiva para lutar por mais direitos.

Ainda, torna-se imprescindível considerar o fato que os jovens são o principal grupo etário do trabalho plataformizado e estes indivíduos, sem experiências no mercado formal, encontram dificuldades para a saída desse modelo. Este ponto certamente carece de uma discussão mais profunda, uma análise mais completa e empírica, de modo a verificar com maior profundidade os impactos desse processo.

## REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L. C. “Uberização do trabalho: subsunção real da viração”. **Passa Palavra** [19/02/2017]. Disponível em: <<https://passapalavra.info>>. Acesso em: 05/11/2021.

ABÍLIO, L. C. “Uberização e Juventude Periférica: Desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho”. **Novos estudos CEBRAP**, vol. 3, n. 39, 2020.

ANTUNES, R. **Coronavírus: O trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho**. São Paulo: Editora Boitempo, 2009.

BERNARDO, J. **Economia dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

BRAGA, R. **A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista**. São Paulo: Editora Boitempo, 2012.

GIL, A. C. **Métodos de técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Ática, 2017.

MARANHÃO, R. A.; SENHORAS, E. M. “Pacote econômico governamental e o papel do BNDES na guerra contra o novo coronavírus”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 4, 2020.

SECCO, L.; FERREIRA, F. S. “Ciclos econômicos e conflitos sociais”. **Revista de Economia Política e História Econômica**, vol. 36, 2016.



SENHORAS, E. M. “O campo de poder das vacinas na pandemia da Covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 6, n. 18, 2021.

SILVESTRE, B. M.; NETO, S. R.; AMARAL, S. C. F. “Sem tempo, irmão”: o trabalho e o tempo livre de entregadores uberizados durante a pandemia de Covid-19. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 43, 2021.

SLEE, T. **Uberização**: a nova onda do trabalho precarizado. São Paulo: Editora Elefante, 2017.



## BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 12 | Nº 35 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

### Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

### Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

### Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima